

A Derrota de Itamaracá: uma abordagem cartográfica

La Derrota de Itamaracá: un enfoque cartográfico

Josué Lopes dos Santos

Doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS.

Mestre em História da Cultura pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE.

RESUMO

Realizaremos análise dos equipamentos funcionais relacionados às atividades náuticas e à governança na Ilha de Itamaracá, litoral norte de Pernambuco, a partir de estudo de uma cartografia histórica portuguesa do século XVII intitulada 'Ilha de Tamarica'. Para tal, procederemos a identificação dos seus elementos pictóricos, leitura paleográfica das informações textuais e contextualização com atividades de campo através de levantamento aéreo, diagnóstico de *front* marítimo e prospecções arqueológicas na orla fluviomarítima no contorno do território insular. Com isso, esperamos discutir as vicissitudes do processo de elaboração de mapas no período colonial de forma contextualizada com outras fontes históricas a partir da paisagem marítima em que está inserida a Ilha de Itamaracá.

PALAVRAS-CHAVE: Ilha de Itamaracá; cartografia portuguesa; conexões transatlânticas.

RESUMEN

Realizaremos un análisis de los equipos funcionales relacionados con las actividades náuticas y la gobernanza en la Isla de Itamaracá, en la costa norte de Pernambuco, a partir del estudio de una cartografía histórica portuguesa del siglo XVII titulada 'Ilha de Tamarica'. Para ello, procederemos con la identificación de sus elementos pictóricos, la lectura paleográfica de la información textual y la contextualización con actividades de campo a través de un levantamiento aéreo, un diagnóstico del *front* marítimo y prospecciones arqueológicas en el contorno del territorio insular. Con esto, esperamos discutir las vicisitudes del proceso de elaboración de mapas en el período colonial de manera contextualizada con otras fuentes históricas desde el paisaje marítimo en el que se encuentra la Isla de Itamaracá.

PALABRAS CLAVE: Isla de Itamaracá; cartografía portuguesa; conexiones transatlánticas.

DO PORTO EM PORTO, BREVE INTRODUÇÃO

A necessidade de realização de registros cartográficos e descrições dos territórios ultramarinos europeus durante a Época Moderna esteve relacionada à constante tensão entre as potências colonizadoras do Velho Mundo no sentido de concretizar suas intenções sobre as conquistas na América e na África, principalmente. Na esteira desse processo, ocorreu a efetivação do projeto de extermínio dos povos originários americanos e a consolidação das rotas comerciais ligadas ao tráfico de escravos do continente africano. Entre os séculos XV e XVII, houve uma significativa expansão, por parte do ocidente, sobre o conhecimento da geografia do planeta, já que o mercantilismo colonialista, fomentado pela intensificação do capitalismo como sistema global, impunha o conhecimento, registro e domínio sobre territórios desconhecidos pelos europeus.

Apontaremos, no presente texto, análise de uma cartografia histórica, provavelmente do século XVII, com o título 'Ilha de Tamarica', sem autor identificado. Daremos ênfase a questões relativas à operacionalidade da atividade náutica no espaço representado a partir da identificação dos elementos pictóricos ilustrados e transcrição das legendas incluídas na imagem. Apesar de escrito em português, o mapa encontra-se depositado no Arquivo Nacional da França e não possui autor identificado. Trata-se de um desenho esquemático, dando ênfase a questões marítimas e localização de equipamentos urbanos; não retrata paisagens, tem baixo detalhamento de relevo e hidrografia, pouca precisão topográfica e unidades funcionais hiperdimensionadas. É similar a outros desenhos feitos sobre a Ilha de Itamaracá na

década de 1630. O desenho foi elaborado em, pelo menos, duas etapas, já que é possível perceber que houve a realização de um rascunho que baseou o traçado final em tonalidade monocromática.

A ficha catalográfica do desenho, disponível no site da Biblioteca Nacional da França, no tópico 'Catálogo Geral', indica que o mesmo pertence a um códice onde existem outros 2.686 mapas e plantas de diversos lugares do mundo. Consta, na datação do volume, o recorte entre 1500 a 1899 como período de produção do acervo. Apresenta ainda uma 'Data de Publicação' referindo-se ao ano de 1700; não foi possível inferir se esta datação indica a produção do mapa em análise. Está inserido, em sua ficha catalográfica, dentro da categoria 'Ilhas' e tipologia 'Documento cartográfico manuscrito'. Não há indicação do autor e as legendas estão escritas em português.

O mapa aborda os arredores da Ilha de Itamaracá, que se localiza no litoral norte do atual estado de Pernambuco. A Ilha foi um espaço significativo na dinâmica colonial articulada pelos portugueses desde os primeiros momentos do século XVI. Na década de 1510, já existiam assentamentos europeus no território insular e, em 1516, o navegador Cristóvão Jacques estabeleceu na região (no continente) a primeira Feitoria do Brasil para debelar a ameaça francesa que ali se intensificava (ALBUQUERQUE, 1993; MEDEIROS, 2001; NEVES, 2006, 2009; SANTOS, 2021, 2021a). O território insular é dividido do continente pelo Canal de Santa Cruz, enquanto a face leste é delimitada pelo Oceano Atlântico. O Canal de Santa Cruz forma duas barras, são elas: ao norte a Barra de Catuama e ao sul a Barra de Itamaracá. Para uma melhor compreensão acerca do território que abordaremos, apresentamos o mapa na figura 1.

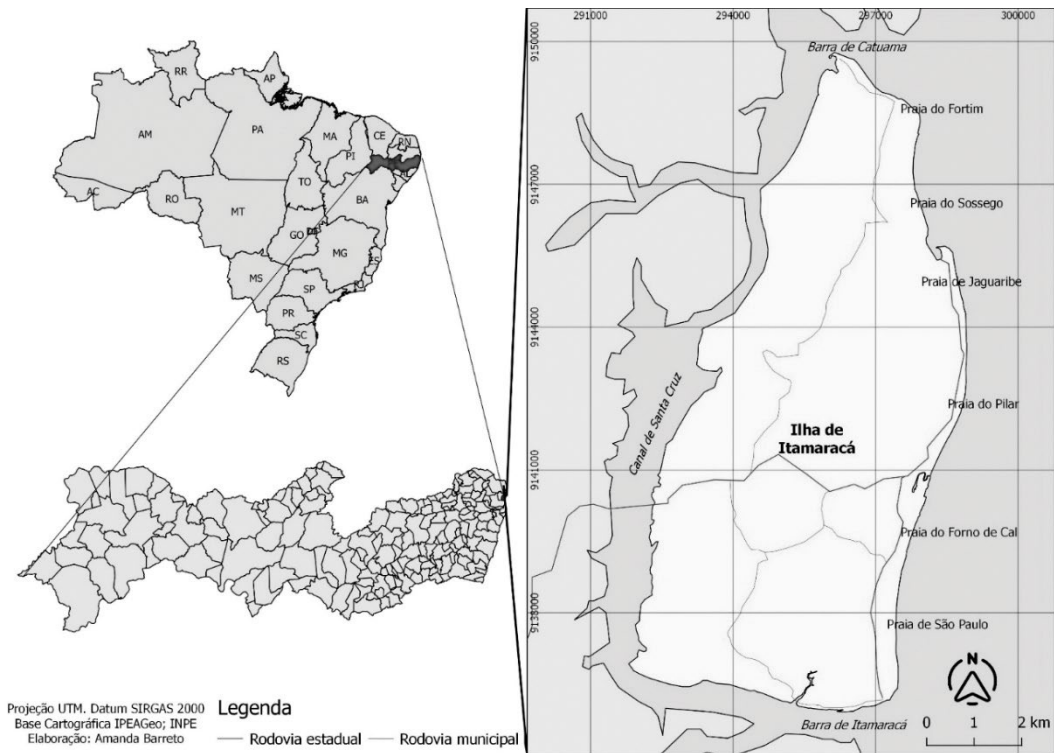


Figura 1: Mapa da Ilha de Itamaracá em relação ao território nacional e ao estado de Pernambuco

O adensamento populacional e urbano da Ilha de Itamaracá colonial se concentrou na Barra de Itamaracá, onde existia a Vila de Nossa Senhora da Conceição (sede da Capitania de Itamaracá) em um morro elevado e onde se articulou um sistema defensivo específico. As informações históricas disponíveis indicam que todo o contorno da Ilha de Itamaracá era navegável e foi acessado por embarcações de vários portes e representando diversas bandeiras europeias que buscavam explorar os produtos da terra e estabelecer transações comerciais (SANTOS, 2021).

É razoável dizer que a Ilha de Itamaracá esteve articulada aos roteiros nacionais e internacionais ligados ao expansionismo europeu da Época Moderna e em microescala representa um todo que teve sua construção histórica pautada na imposição de uma violenta interação entre os agentes colonizadores e as pessoas que eles colocaram em movimento

nos seus barcos. Para entender melhor como essas dinâmicas se processaram na Ilha de Itamaracá é que apresentamos a análise do mapa em tela que aborda informações estratégicas, com prioridade marítima, para a governança local.

A 'ILHA DE TAMARICA' LIDA PELA CARTOGRAFIA HISTÓRICA

O mapa 'Ilha de Tamarica' trata-se de apresentação esquemática onde a Ilha de Itamaracá, e seu entorno, é representada em relação aos seus principais elementos de interesse à navegação praticada na região: localização das vilas, informações sobre balizamento de embarcações, localização de arrecifes e bancos de areia, dados de fundo, militarização, entre outros elementos. O enquadramento centraliza a Ilha de Itamaracá com uma faixa em que se identifica o título do desenho. A figura 2 apresenta o mapa abordado em nosso texto; identificamos numerações em ele-

Parte sul da ilha de Itamaracá, vendo-se ao alto a vila de N. S. da Conceição, então sede da Capitania de Itamaracá, com o quartel de Santa Luzia. Na parte mais baixa, o forte de Orange, construído pelos holandeses e, à sua direita, do outro lado de um braço do mar, a área fortificada que os holandeses construíam na fase inicial da conquista, mostrada em detalhes em outro desenho. (REIS FILHO, 2002, PE38ab)

No transcorrer do nosso texto, será possível observar que os elementos referidos pelo autor são similares ou idênticos aos apontados no mapa principal que nos propomos analisar. Além disso, é possível observar semelhanças na característica do traço, forma com que o contorno da Ilha é representado, dados sobre a batimetria, localização das principais estruturas e legendas adjacentes às mesmas. Já em relação à figura 4, é possível perceber também que o contorno da Ilha e a localização dos seus principais elementos assemelham-se ao

apontado na figura 2; sendo que se destaca, na figura 4, a presença de uma bandeira francesa, indicando um inimigo instalado – as legendas do mapa estão escritas em português. O que queremos dizer é que existe um padrão estético e contextual que situa o mapa apresentado na figura 2 no recorte da primeira metade do século XVII; após, ou durante, a dominação holandesa ocorrida em Itamaracá.

Na face oceânica da Ilha, entre os atuais bairros do Ambar, Pilar e Jaguaribe, existe uma quantidade significativa de casas representadas (item 1). Esses elementos também são identificados em outros desenhos do período com referência a casas de pescadores (SANTOS, 2021, p.213) indicando as comunidades caiçaras que se estabeleceram na orla marítima e tinham atividades relacionadas ao ciclo social da pesca artesanal. Desses embriões é que se articulou o desenvolvimento urbano de outras paragens coloniais itamaracaenses, como os locais citados no

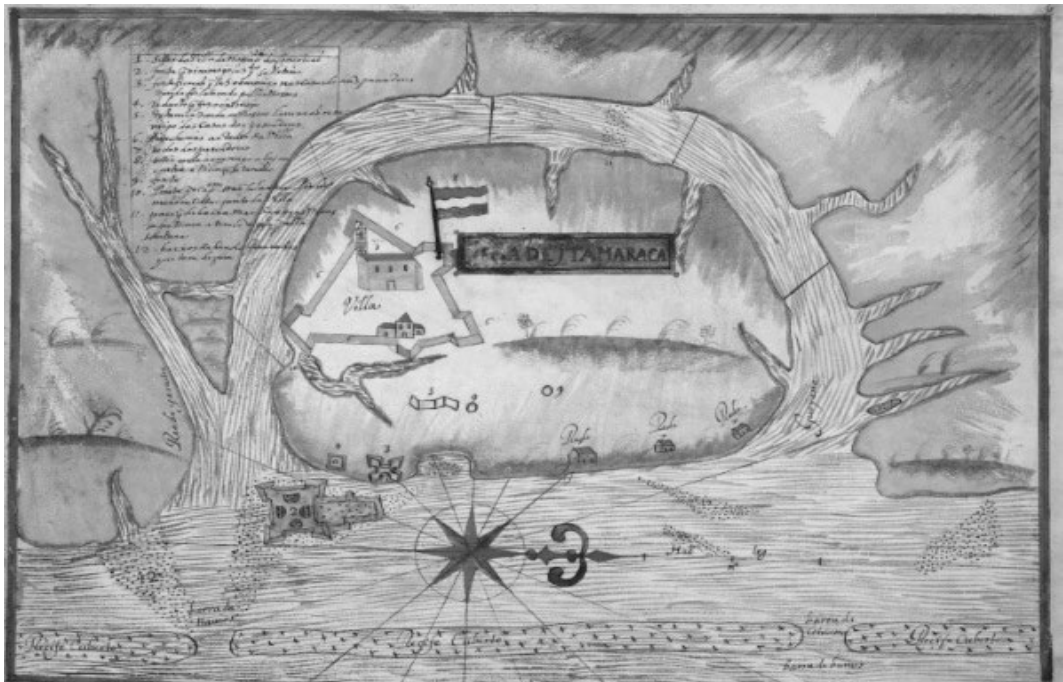


Figura 4: A Ilha de Itamaracá no 'Atlas de las costas y los puertos de las posesiones portuguesas en América y África'

início deste parágrafo. O ícone utilizado refere-se a casas com traços simples situadas em um terreno que aparenta estar levemente elevado na praia.

Na entrada sul do Canal uma fortificação aparece em um istmo, tendo quatro baluartes e muralhas com a legenda 'Forte do inimigo' (item 2). O ícone faz referência ao Forte Orange, que protegeu a entrada da Barra de Itamaracá por vários séculos. De acordo com o arqueólogo Marcos Albuquerque é possível que já existisse algum tipo de reduto português nessa região, devido à localização estratégica na entrada da barra, para exercer função bélico-marítima (ALBUQUERQUE, 2007, 2012; ALBUQUERQUE, ALBUQUERQUE, 2018). Com o início das investidas holandesas a partir da década de 1630 estes construíram um forte regular no local, que foi batizado de Forte Orange; enquanto isso os portugueses mantiveram-se em cerco na Vila de Nossa Senhora da Conceição por três anos em resistência, até a efetivação da conquista batava em 1633. Com a expulsão dos holandeses em 1654 a Coroa portuguesa ergueu a Fortaleza de Santa Cruz no local, que corresponde às atuais estruturas; já que os remanescentes do forte holandês se encontram na cota negativa do solo (BARTHEL, 2007; ALBUQUERQUE, ALBUQUERQUE, 2018; SANTOS, 2021).

No desenho em análise, ainda aparece representado, nos arredores da fortificação maior e fora do istmo, um outro reduto militar regular que também é associado aos invasores (item 3). Na legenda se escreve 'Alojamento do inimigo que [?]', acima deste item se faz menção a um 'Monte dos Franceses'. Esses elementos indicam que as tensões entre holandeses e franceses se faziam presentes no imaginário da época; não há subsídios arqueológicos conhecidos sobre esses postos

de otimização defensiva local. A despeito das informações que apresenta, não pudemos ter acesso à intencionalidade na produção do documento em análise, isto é, por quais motivos realmente foi feito. As informações apresentadas no mapa apontam dados provenientes da primeira metade do século XVII na Ilha de Itamaracá. Para ilustrar a função bélico-marítima da Fortaleza na entrada da Barra de Itamaracá apresentamos algumas fotografias do local.

No continente, canto superior esquerdo do mapa, a Vila de Igarassu (item 4) aparece com o apontamento de algumas informações sobre o rio que lhe possibilita acesso fluvial. Igarassu corresponde a uma das principais vilas ao norte de Recife e sua localização, próxima ao Canal de Santa Cruz no continente, servia como base para estipular os limites entre as Capitanias de Pernambuco e Itamaracá. O local atualmente conhecido como Praia dos Marcos, às margens do Canal de Santa Cruz, abrigava o marco de pedra que dividia as ditas Capitanias; também nesse lugar é que estava localizada a Feitoria de Cristóvão Jacques, já abordada neste texto. No mapa a representação da Vila de Igarassu se dá através de três construções escalonadas, sendo que a primeira e última apresentam uma cruz em seu topo.

Na descrição do Rio de Igarassu (item 5), o cosmógrafo comete um erro que é corrigido através de um risco na frase que queria registrar; logo em seguida completa a descrição do rio 'Rio de Igarassu [?] de partir a Capitania de Pernambuco de Duarte de Albuquerque com a de Itamaracá do Conde de Monsanto'. Este corresponde a mais um elemento que reforça a temporalidade da produção do documento, já que Duarte de Albuquerque e o Conde de Monsanto, Dom Luiz de Castro, estiveram à frente das Capitanias de Pernambuco e



Figura 5: O Forte Orange na entrada da Barra de Itamaracá. Foto de ArkeoConsult



Figura 6: O Forte Orange a partir de front marítimo. Foto de Josué Lopes



Figura 7: Muralhas do Forte Orange (esquerda da foto) em relação ao Canal de Santa Cruz e ao continente (direita da foto). Foto de Josué Lopes

Itamaracá de forma simultânea na década de 1630 e se articularam para oferecer resistência às invasões holandesas nesse período (ANDRADE, 1999; VELEZ, 2016).

No desenho, a Vila de Nossa Senhora da Conceição (item 6) é delimitada por uma muralha em duas faces, enquanto em outra face apresenta-se uma cava, descrita em outras referências como um fosso (GEP, 2010; SANTOS, 2021). As construções na Vila são representadas por seis casas simples, sendo que a primeira delas, de cima para baixo, apresenta um detalhe que remete a uma estrutura religiosa; em contrapartida, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, principal marco religioso local, estaria na outra extremidade. No século XVII, a Vila já contava com uma lógica cidadina e de governança local

consolidada com Casa de Câmara e Santa Casa de Misericórdia ativas. A existência, na Vila de Nossa Senhora da Conceição, de uma igreja evocando ao Rosário dos Homens Pretos reforça a pluralidade das relações étnicas e culturais locais ao inserir a Ilha de Itamaracá nas rotas da Diáspora Africana pelo mundo. A Igreja de Nossa Senhora da Conceição e o morro onde estava localizada a Vila também eram utilizados para orientar o balizamento de embarcações de modo que se destacam no *front* marítimo local.

O mapa dá destaque a informações relevantes à navegação. Uma barreira de recifes (item 7) é representada em paralelo ao litoral, percebe-se uma abertura em cada extremidade que representa as entradas das barras da Ilha de Itamaracá.



Figura 8: Vila Velha em relação à entrada da Barra de Itamaracá. Destaque para a Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Foto de ArkeoConsul



Figura 9: Vila Velha no topo do morro, vista a partir de front marítimo. Foto de Josué Lopes

A Barra de Catuama encontra-se no canto inferior direito do desenho; na legenda lê-se: 'Barra de Catuama de bom fundo, mas muito perigoso' (item 8). Seguindo em direção à desembocadura norte do Canal de Santa Cruz ocorre a menção de um marco paisagístico que deveria orientar a baliza. Nesse local, existe um morro (item 9) que se sobressai onde foi representada uma pequena construção seguida da informação 'Baliza para entrar a barra Catuama'. Uma observação importante em relação à Barra de Catuama é que existiu, nesse período, um reduto fortificado no pontal da barra, na Ilha, mas este elemento não foi representado no desenho analisado. Esses dados também estão contidos no 'Roteiro das Barras de Itamaracá', elaborado por ordem de Salvador Pinheiro, capitão-mor da Ilha de Itamaracá na década de 1620, onde o local (Catuama) é referido como similar à sela de um cavalo (SANTOS, 2021: 230).

Este roteiro integra um documento intitulado 'Regimento de pilotos e roteiro da navegação e conquista do Brasil, Angola, São Tomé, Cabo Verde, Maranhão, Ilhas e Índias Ocidentais', elaborado pelo cosmógrafo Manoel da Silva em 1655. Corresponde a um manual de navegação de porto em porto em que se conectam as possessões ultramarinas portuguesas

através de rotas de navegação (SANTOS, 2023, p.122). Para o item que descreve a Ilha de Itamaracá ocorre densa exposição acerca de suas características de fundo, relevo e topografia, correntes marítimas, pontos de baliza e localização de locais estratégicos. Para a Barra de Catuama o documento cita:

Porque até agora não trazem os Roteiros este destas Barras, e Ilha, se põe aqui a parte. E hé, que passado o Porto dos Franceses, e o Rio Goyana indo para o Sul, junto aos recifes, andadas três léguas esta a barra de Catuama, a qual conhecereis por uma Abra, que faz nas pontas, da qual quebra o mar. E terá esta abra de largura o comprimento de três navios poucos mais, ou menos. Querendo entrar por ela, poreis a proa por umas barreiras de área branca rasas junto d'águas, não muito claras, que estão em meio a bocayna, as quais vos demoram a Oeste-noroeste; e posto o navio na entrada da barra para o Norte, vos demora a ponta do arrecife ao porto dos franceses, e a Pedra furada, e a ponta de pedras ao Norte, e a quarta do Noroeste, e a esta ponta do arrecife da banda do Norte esta uma lage da banda de dentro desta barra, em que arreventa o mar de quando em quando, e tem em cima de [ilegível] e meia d'água, em baixa mar de águas viadas. Quando entrades para dentro,

vos encostareis mais a banda do Sul, porque é muito alto, advertindo, que com a vazante da maré, e com o vento Leste, faz grande quebra do mar esta boca da barra, e assim parece tudo arrecifes os quais são alagados. (SYLVA, 1655)

Havia pelo menos três pontos de passagem entre a Ilha e o continente durante o período colonial, são eles a Barra de Catuama, a Barra de Itamaracá e a região de Itapissuma, onde hoje existe a Ponte Getúlio Vargas que liga as margens do Canal. Neste local ocorre a informação no mapa: 'Passagem de Itapissuma' (item 10). Existem fontes históricas que indicam a existência de um reduto fortificado nesses arredores, no continente. O item, que completava o sistema defensivo no con-

torno da Ilha de Itamaracá, também não foi representado no mapa.

A Barra de Itamaracá (item 11) é representada no canto inferior esquerdo do desenho, onde existe uma abertura nos arrecifes com a informação: 'Barra de Itamaraca nesta barra e porto os números melhor [?] os palmos que tem de fundo', fazendo referência à representação da batimetria do Canal entre os arrecifes e as imediações da Vila de Nossa Senhora da Conceição, trecho que corresponde ao perímetro da zona portuária local que era, por sua vez, um catalisador econômico regional. A profundidade do Canal é apresentada através de números. Precisamente podemos dividir as informações em três setores: o número '24' apresentado entre os recifes e o 'Forte do Inimigo'; o



Figura 10: Barra de Catuama. À esquerda, os morros no continente e, à direita do desenho, o território insular. Foto de Josué Lopes



Figura 11: Barra de Catuama com destaque as feições geográficas no continente. Foto de Josué Lopes.



Figura 12: Entrada da Barra de Itamaracá vista a partir de imagem aérea. Foto de ArkeoConsult

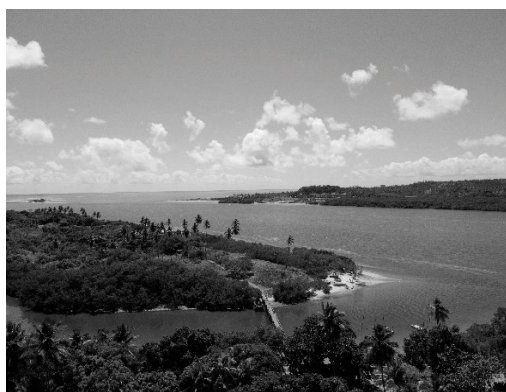


Figura 13: Barra sul do complexo estuarino do Canal de Santa Cruz. Foto de ArkeoConsult



Figura 14: Coroa do Avião no centro direito da imagem e o Forte Orange à esquerda.
Foto de Josué Lopes



Figura 15: Entrada da Barra de Itamaracá vista a partir de Vila Velha onde a Coroa do Avião pode ser observada no trecho assoreado do Canal.
Foto de Josué Lopes

número '48' entre o Forte e a Vila de Nossa Senhora da Conceição; e o número '56' no perímetro da Vila, onde se faz referência ao porto. Podemos inferir, portanto, que, à medida que se adentra o Canal, a sua profundidade vai se tornando mais cômoda.

No momento em que representa os dados sobre fundo, dois trechos são apontados com um símbolo em formato de âncora, um nas imediações da Vila e outro próximo a um local utilizado como referência para balizas; ambos os trechos descritos correspondem à ocorrência de atividade portuária (SANTOS, 2021). Uma construção em um terreno mais elevado aponta um marco paisagístico para balizamento. No desenho lê-se: 'Baliza dos navios para irem surgir no porto' (item 12), fazendo citação ao porto da Vila de Nossa Senhora da Conceição. Já falamos em nosso texto que o desenho em análise foi realizado em duas etapas, onde um rascunho embasou os traços definitivos; no contorno da Ilha de Itamaracá pelo Canal de Santa Cruz existem representadas três formas de meia-lua com uma haste, que lembram embarcações, e não foram destacadas na versão final.

Na entrada da Barra de Itamaracá, o que também se destaca são os bancos de areia. No istmo em que está localizado o

'Forte do inimigo' existe a representação de um pontilhado com a legenda 'restinga de areia' (item 13), ao lado da citação em caixa alta do 'LAGAMAR DE LOUCAO'. Já na margem continental do Canal é representado um banco de areia que se estende até a barreira de recifes em que se apresenta uma ilha com a informação 'Coroa dos Passarinhos' (item 14). Este local, que pertence territorialmente ao município de Igarassu, é conhecido hoje como Coroa do Avião e se refere a um requisitado ponto turístico no litoral norte de Pernambuco. O processo de assoreamento na Barra de Itamaracá é referido na documentação histórica como um dos principais empecilhos à prática da boa navegação no local (SANTOS, 2021a). Existem estudos sobre a sedimentologia da região que atribuem o seu acelerado processo de assoreamento às dinâmicas hidráulicas do Canal de Santa Cruz em contato com a energia das marés (LIRA, 2010; ALMEIDA, 2018). Outros estudos indicam também que a Coroa do Avião, antiga Coroa dos Passarinhos, corresponde a um importante destino no roteiro de migração de diversos espécimes de aves em busca da significativa oferta de mariscos e peixes do entorno (CARDOSO, NASCIMENTO, 2007; COUTINHO, SULAIMAN, CARBONE, 2018).

O reflexo do cenário exposto correspondeu às dinâmicas sociais e econômicas que influenciaram os poderes e as sociabilidades no local. Em perspectiva histórica, a maritimidade se expressa nas escolhas culturais e nas materialidades da Ilha de Itamaracá desde suas ocupações indígenas até os dias de hoje (DIEGUES, 1998; SANTOS, 2021). A inserção da Ilha e seus arredores nos circuitos comerciais da Época Moderna impuseram a interação entre os indígenas, habitantes originários do território, os africanos expropriados de seu continente pela lógica escravagista da época e os europeus com a intenção de efetivar o seu projeto de poder mercantilista. Entender melhor a construção dessas narrativas com perspectiva crítica pode favorecer o fortalecimento das identidades em nível regional e nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O termo Derrota faz referência, no mundo náutico, ao roteiro descrito para orientar as embarcações pelos caminhos marítimos de forma a ajustar o acesso a portos, cidades portuárias, zonas produto-

ras ou qualquer outro destino de interesse aos exploradores modernos. Em termos práticos, entendemos que esse tipo de conhecimento vai sendo construído ao longo do processo de ocupação desses lugares, na medida em que o interesse pelas carreiras marítimas se ajusta às condições geográficas e interesses políticos do momento. No ano de 2012, por exemplo, a Prefeitura Municipal da Ilha de Itamaracá – em parceria com o Governo do Estado de Pernambuco e colaboração com a Capitania dos Portos de Pernambuco – elaborou um relatório técnico intitulado ‘Zoneamento Ambiental e Territorial das Atividades Náuticas da Ilha de Itamaracá’ (PMIT, 2012). O documento teve o objetivo de caracterizar as práticas de navegação atuais no local, com descrição das tipologias de embarcações que acessam o contorno da Ilha de Itamaracá, características de fundo e de correntes marítimas atuantes na região. Utilizamos o caso para ilustrar a necessidade histórica, em perspectiva de longa duração, dos agentes de governança pelo conhecimento das rotinas de navegação em microescala e pela cartografia para gestão estratégica e estabelecimento de políticas públicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Marcos. ALBUQUERQUE, Veleda Lucena. Acervo Arqueológico do Forte Orange – As estruturas preservadas. *Revista Noctua*. Vol. 2, n. 3, 2018.

ALBUQUERQUE, Marcos. Arqueologia do forte Orange e sua cultura material. *Revista da Cultura*. Ano XII, n 19, 2012.

ALBUQUERQUE, Marcos. As escavações arqueológicas no Forte de Orange. *ARC – Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação*. Olinda: v.1, n. 2, 2007.

ALBUQUERQUE, Marcos. O processo interétnico em uma feitoria quinhentista no Brasil. *Revista de Arqueologia*. São Paulo: v.7, p. 99-123, 1993.

ALMEIDA, Thiago Lopes Meló. *Caracterização da dinâmica costeira de Itamaracá-PE: aplicação do Sistema de Modelagem Costeira do Brasil*. Tese (Doutorado em Geociências). PPGG/UFPE, Recife, 2018.

ANDRADE, Manuel Correia de. *Itamaracá, uma capitania frustrada*. Recife: CEHM, 1999.

BARTHEL, Stela. *Arqueologia de uma fortificação: o Forte Orange e a Fortaleza de Santa Cruz, em Itamaracá, Pernambuco*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). CFCH/UFPE, Recife, 2007.

CARDOSO, Tiago; NASCIMENTO, João. Avaliação de atividades turísticas prejudiciais à permanência de aves migratórias na Coroa do Avião, Pernambuco, Brasil. *Ornithologia* 2. V. 2, 2007.

COUTINHO, Sonia Viggiani; SULAIMAN, Samia Nascimento; CARBONE, Amanda Silveira. *Área de Proteção Ambiental (APA) de Santa Cruz: (re)conhecendo o valor ecológico, histórico-cultural e econômico*. Recife: CPRH, 2018.

DIEGUES, Antônio Carlos. *Ilhas e mares: simbolismo e imaginário*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

GEP, Governo do Estado de Pernambuco. *Plano de preservação de Vila Velha*. Recife: FUNDARPE/PRODETUR, 2010.

LIRA, Julianna Nunes. *Estudo sedimentológico e evolutivo da Coroa do Avião, Itamaracá – PE*. Dissertação (Mestrado em Geociências). PPGG/UFPE, Recife, 2010.

MEDEIROS, Guilherme de Souza. *Arte da navegação e conquista europeia do Nordeste do Brasil* (capitanias de Pernambuco e Itamaracá nos Séculos XVI e XVII). Dissertação (Mestrado em História). CFCH/UFPE, Recife, 2001.

NEVES, André Lemoine. *A Transferência da cidade portuguesa para o Brasil – 1532-1640*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). CFCH/UFPE, Recife, 2009.

NEVES, André Lemoine. Vila (velha) de Nossa Senhora da Conceição de Itamaracá: história e morfologia urbana. *Anais do I Encontro Nordestino de História Colonial*. João Pessoa, 2006.

PMIT, Prefeitura Municipal da Ilha de Itamaracá. *ZATAN: Zoneamento ambiental e territorial das atividades náuticas da Ilha de Itamaracá*. Relatório técnico. Ilha de Itamaracá, 2012.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e cidades do Brasil colonial*. São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial, 2002. CD-ROM.

SANTOS, Josué Lopes dos. *Arqueologia de uma Paisagem Cultural Marítima: rupturas e permanências da maritimidade na Ilha de Itamaracá (PE)*. Tese (Doutorado em Arqueologia). PROARQ/UFS, Laranjeiras, 2021.

SANTOS, Josué Lopes dos. O porto de Itamaracá: waterfront. In: *Portos Coloniais: estudos de História Portuária, Comunidades Marítimas e Praças Mercantis, Séculos XVI-XIX*. São Paulo: Alameda, 2021a.

SANTOS, Josué Lopes dos. Documento: Roteiro das Barras e Ilha de Itamaracá que mandou fazer Salvador Pinheiro. *Revista Navigator*. Vol. 19, nº37, 2023.

SYLVA, MANOEL. *Regimento de pilotos e roteiro da navegação e conquista do Brasil, Angola, São Tomé, Cabo Verde, Maranhão, Ilhas e Índias Ocidentais*. Lisboa:1655.

VELEZ, Luciana de Carvalho Barbalho. *Donatários e Administração colonial: A capitania de Itamaracá e a Casa de Cascais (1692 – 1763)*. Tese (Doutorado em História). PPGH/UFF, Niterói, 2016.